

A INSEGURANÇA E O SEU CONTEXTO

George Felipe de Lima Dantas

É intuitivo o entendimento de que a crise atual da segurança pública pode ser identificada com a própria crise do Estado brasileiro. Um dos aspectos primordiais dessa crise maior é a desigualdade de oportunidades (desigualdade social) e a falta de investimentos públicos em áreas essenciais como saúde, educação, ação social, etc. Segurança pública, na verdade, é parte de um continente maior, o da defesa social, que inclui vários outros setores da gestão pública.

Gary Becker, sociólogo e economista norte-americano, professor da Universidade de Chicago ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 1992, estabeleceu as bases teóricas da chamada Economia do Crime (1968). Becker aponta, através de minuciosos estudos econométricos, relações da causa e efeito entre variáveis econômicas e índices de criminalidade. O pesquisador identifica, assim, vetores bastante estáveis entre desemprego e mais baixos investimentos em segurança pública, com variáveis que mostram a expansão do fenômeno da criminalidade e da violência. Se o desemprego e a desigualdade social podem ser indutores do fenômeno social da criminalidade, já os baixos investimentos do Estado em recursos da segurança pública deprimem sua capacidade de controle do crime e da violência.

O *Correio Braziliense* levantou alguns dados sobre os recursos da segurança pública do Distrito Federal, incluindo a concentração de policiais em diferentes regiões. Caracteristicamente, os melhores índices de policial/número de habitantes são os de Brasília e Lago Sul (um policial para cada 96 e 167 habitantes, respectivamente); da mesma forma que, ao reverso, os piores quocientes são os de Ceilândia e São Sebastião (um policial para cada 537 e 476 habitantes, respectivamente).

É comum que as comunidades mais diferenciadas em termos socioeconômicos sejam menores (maior qualidade de vida), o que ~~irá implicar que~~ mesmo pequenos efetivos policiais fiquem mais concentrados nelas. Ao contrário, grandes efetivos, todavia pulverizados em áreas de grande contingente populacional (menor qualidade de vida), produzirão baixos níveis de concentração policial. Ou seja, é possível ter uma melhor concentração de policiais (mais segurança) quando se tem, primeiro, melhor qualidade de vida de modo geral, o que se traduz, entre outros aspectos, por uma pequena população local. A exemplo, enquanto o Lago Sul (região nobre) tem uma população de apenas 28.137 habitantes, a menor do Distrito Federal, Ceilândia abriga 344.039 indivíduos, o que faz dela a região de maior população do Distrito Federal.

Numa outra perspectiva, comunidades inchadas, caracteristicamente, tornam-se impessoais nas relações entre seus membros, fazendo com que sejam mais vulneráveis ao crime do que comunidades menores e mais solidárias. Assim, mais policiais, mesmo que em grande concentração, não produzirão o mesmo efeito em regiões intrinsecamente diferentes (pequenos bairros de classe média e grandes comunidades heterogêneas de zonas periféricas).

A situação parece melhor se for levado em conta um acréscimo de 10% na frota de viaturas policiais do Distrito Federal, elevada de 788 para 871 veículos no período 2000-2001. Parte disso se deve aos recursos provenientes do Fundo Nacional de Segurança Pública, forma de provimento disponibilizada pelo governo federal aos estados e Distrito Federal no sentido da materialização das suas respectivas ações e compromissos com a segurança pública, de acordo com o que prevê o Plano Nacional de Segurança Pública. Vale destacar, entretanto, que as polícias ressentem-se, usualmente, de que verbas para mais veículos nem sempre sejam correspondidas pelos necessários recursos para o custeio de combustíveis, lubrificantes e manutenção em geral.

O quadro é menos alentador quando se trata do efetivo atual de policiais militares e de como eles estão sendo empregados. De acordo com os dados do *Correio Braziliense*, no período considerado (2000-2001) a Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) sofreu uma redução bruta de efetivo de 253 homens e mulheres. Talvez parte de uma tendência anterior que já venha produzindo impacto na atividade fim, isso considerando que o percentual da média diária de efetivo empenhado em atividades operacionais caiu oito vezes mais que o efetivo bruto, passando de 2.585 para 2.202 (queda de 14,8%).

Mudanças em setores públicos como segurança só podem ser sentidas ao final de grandes ciclos, isso se ao longo deles os investimentos em recursos humanos e materiais forem mantidos constantes, ou mesmo a maior. É fundamental que a cidadania possa conhecer e fiscalizar tais investimentos, não só em termos quantitativos, mas também qualitativos. Afinal, o impacto último da insegurança é sobre ela própria a comunidade.